

COLETIVO NA ROCINHA LEVA PARA A COMUNIDADE NOMES DA ARTE BRASILEIRA

Com apoio institucional e do mercado, retiro do coletivo A Noiva cria residência artística na maior comunidade do país

Nelson Gobbi
13/05/2019 - 08:00 / Atualizado em 13/05/2019 - 11:19



Da esq.: Thayná Rodrigues, Joca Soares, Dani Câmara e Yná Kabe tomam açaí numa barraca do Largo do Botafogo, na Rocinha Foto: Marcelo Theobald / Agência O Globo

O quarto e sala ao qual se chega após subir os três lances de escada do número 13 da Travessa Mesopotâmia não difere das mais de 20 mil outras residências da Rocinha, comunidade da Zona Sul do Rio de Janeiro em que está localizado. Na parede da cozinha, no entanto, um papel com um cronograma escrito à mão, ao lado de outro lembrete com a senha do wi-fi, demonstra que a rotina do local é mais agitada que se supõe da rua. No apartamento funciona A Igreja do Reino da Arte, sede d'A Noiva, coletivo que reúne nomes em ascensão na cena artística do Rio, como Maxwell Alexandre, Raoni Azevedo, Edu Barros, Santo Tolezano e Michel Moreira, todos residentes da maior favela carioca.

Desde 13 de abril, o espaço recebe outros quatro artistas, Dani Câmara, Yná Kabe Rodríguez, Joca Soares e Thayná Rodrigues, em uma residência — ou retiro, no glossário que cruza termos religiosos a propostas artísticas, desenvolvido pelos integrantes d'A Noiva — e sedia, a partir de hoje, uma exposição com o resultado do processo.

Um calendário na parede registrava encontros com nomes do primeiro time da arte contemporânea brasileira, como os curadores Franz Manata, Clarissa Diniz e Ulisses Carrilho; os galeristas Marcio Botner (da Gentil Carioca, representante de Maxwell Alexandre) e Marcia Fortes (Fortes D'Aloia & Gabriel, de São Paulo, e Carpintaria, no Rio); e artistas como Vivian Caccuri, Laura Lima e Aleta Valente, além de uma visita ao ateliê de Cildo Meireles.



Joca Soares no Retiro d'A Noiva Foto: Marcelo Theobald / Agência O Globo

A iniciativa de levar nomes de ponta do circuito para a maior favela carioca propõe um deslocamento do eixo da produção artística, que também se reflete na seleção dos residentes. Dani Câmara, 31 anos, nasceu em Angra dos Reis, onde morava em áreas carentes antes de vir para o Rio, em 2013. Joca Soares, 22 anos, mora na Lara Vilela 94, pequena comunidade de São Domingos, em Niterói, próximo ao campus do Gragoatá da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde cursa Ciências Sociais. Única residente de fora do estado, Yná Kabe Rodríguez, 27 anos, vem do Guará, cidade satélite a 11 quilômetros da capital federal, onde faz mestrado em Métodos e Processos em Arte Contemporânea na Universidade de Brasília (UnB). Convidada a participar do Retiro junto aos residentes selecionados por edital, Thayná Rodrigues, de 22 anos, ressalta no nome artístico sua relação com a Rocinha: Thay Cria mora na Rua Três, a pouco mais de 500 metros da sede d'A Noiva.

Os quatro criam um conjunto plural de expressões artísticas: Yná trabalha com vários suportes, da pintura à videoarte; Dani é atriz e diretora teatral, formada em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e também faz performances; Thay Cria é cantora e compositora e vem de uma família de sambistas; e Joca é músico e produtor, ligado ao rap e ao trap.

"Como venho de outro meio, busco uma visualidade para o meu trabalho, e a interação com artistas de outras áreas é interessante neste sentido", comenta Joca. "Também queria abordar a questão do deslocamento. Venho da menor favela do estado para passar um período na maior delas".

O deslocamento também é tema destacado por Yná:

"Mesmo que no Guará não tenha morros como os do Rio, acaba sendo uma experiência de periferia, só que em um espaço mais compacto. Também queria entender como é ser travesti no Rio. Acho que a reação aqui é mais direta, uma coisa mais 'na cara'", observa ela.



Yná Kabe na Travessa Mesopotâmia, que dá acesso à sede do coletivo Foto: Marcelo Theobald / Agência O Globo

Mesmo estando perto de casa, Thay Cria diz que tem evitado deixar o Retiro, para não prejudicar o s trabalhos: "A programação é intensa, não sobra muito tempo livre. Quando tem uma folga, a gente acaba conversando, ou cantando no microfone. Alguma coisa disso sempre entra nas obras", comenta.

A Igreja já promovia outras imersões em seu espaço, mas sempre de maneira informal. Desta vez, o projeto foi contemplado pelo prêmio Funarte Artes Visuais — Periferia e Interiores 2018 e contou com a parceria do Goethe-Institut, do Instituto Inclusartiz, da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage e das galerias A Gentil Carioca e Fortes D'Aloia & Gabriel. Para os membros do coletivo, o apoio institucional e do mercado demonstra a força da produção local.



Thay Cria na escada que leva ao terraço d'A Noiva. Foto: Marcelo Theobald / Agência O Globo



Da esq.: Maxwell Alexandre, Raoni Azevedo, Santo Tolezano, Michel Moreira e Edu Barros, integrantes d'A Noiva Foto: Marcelo Theobald / Agência O Globo

"Se pensarmos que a Noiva tem dois anos e já atrai curadores, artistas, galeristas e instituições de fora, vemos que é possível transformar o Rio, e a Rocinha em particular, numa potência da arte", comenta Maxwell Alexandre, que este ano já fez uma residência em Lyon, na França, e em 2018 participou da realizada pela prestigiosa Fundação Delfina, em Londres. — Assim como as organizações religiosas têm um projeto de poder, temos o Inorre, no campo da arte. Muitas das discussões que promovemos na Igreja não chegam à comunidade, mas queremos ampliar isso. Sabemos que quando mais "crias" passarem a frequentar, poderemos mudar a estrutura da favela. Nosso projeto é esse.